

# 4<sup>a</sup> CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA DE VIANA ENCONTROS DE CINEMA 2015

MARIA CONSTANÇA PERES PISSARRA

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

BARBARA RODRIGUES BARBOSA

NADIA DE M. B. MAZZARIOL

MARIA CELESTE CANTANTE

RAFAEL GOMES FILIPE

CLAUDETE MORENO GHIRALDELO

ROSA MARIA SEQUEIRA

FOUAD NEJMEDDINE

J. ANTÓNIO MOREIRA

PEDRO BRANCO

COORDENAÇÃO

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

CARLOS EDUARDO VIANA

DANIEL MACIEL

# ENCONTROS DECINEMA

4º CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE  
CINEMA DE VIANA 2015

COORDENAÇÃO

José da Silva Ribeiro

Carlos Eduardo Viana

Daniel Maciel

Capa: publiSITIO

ISBN 978-989-97504-9-4

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

# COMISSÃO CIENTÍFICA

**ANA ISABEL SOARES**, AIM-Associação de Investigadores da Imagem em Movimento

**ANA LUIZA CARVALHO DA ROCHA**, Núcleo de Antropologia Visual e Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**ANABELA MOURA**, Escola Superior de Educação-Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**ANTÓNIO CARDOSO**, Escola Superior Agrária-Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**ANTÓNIO DA COSTA VALENTE**, Universidade de Aveiro, Cineclube de Avanca

**ARLETE DOS SANTOS PETTRY**, ECA / USP–Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo  
Bienvenido León, Universidad de Navarra

**CARLOS ALMEIDA**, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**CARLOS MENDES**, Escola Superior de Tecnologia e Gestão-Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**CASIMIRO ALBERTO PINTO**, CEMRI - Media e Mediações Culturais da Universidade Aberta

**CÉLIA SOUSA VIEIRA**, ISMAI-CEL-CELLC

**CLÁUDIA MOGADOURO**, Educomunicação, Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP), ECA-USP

**CORNELIA ECKERT**, Núcleo de Antropologia Visual e Banco de Imagens e Efeitos Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**ELISABETE BULLARA**, CINEDUC, Rede Kino

**FERNANDA AGUIAR MARTINS**, UFRB–Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**GABRIEL OMAR ALVAREZ**, Universidade Federal de Goiás

**GLAÚCIA DAVINO**, História de Roteiristas, Universidade Presbiteriana Mackenzie

**JORGE CAMPOS**, ESMAE, Instituto Politécnico do Porto

**JOSÉ DA SILVA RIBEIRO**, CEMRI - Media e Mediações Culturais da Universidade Aberta

**MANUELA PENAFRIA**, Universidade da Beira Interior, LABCOM

**MARGARITA LEDO ANDIÓN**, Universidade de Santiago de Compostela

**MARIA DO CÉU MARQUES**, CEMRI - Media e Mediações Culturais da Universidade Aberta

**MARIA TERESA TORRES PEREIRA DE EÇA**, Presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.

**MARÍA YÁÑEZ ANLLO**, Universidade de Santiago de Compostela

**MARIANO BÁEZ LANDA**, CIESA - Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, Laboratorio Multimedia en Antropología.

**NELSON ZAGALO**, Universidade do Minho

**PEDRO PEREIRA**, Escola Superior de Saúde - Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**PEDRO SENA NUNES**, ETIC - Escola de Tecnologias, Inovação e Comunicação e ESMAE - Instituto Politécnico do Porto

**RENATO ATHIAS**, Laboratório de Antropologia Visual - Universidade Federal de Pernambuco

**ROSANE VASCONCELOS ZANOTTI**, UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

**SÉRGIO BAIRON**, ECA / USP – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo

**SÍLVIA AGUIAR CARNEIRO MARTINS**, AVAL - Laboratório Antropologia Visual em Alagoas, Universidade de Alagoas

# COMISSÃO ORGANIZADORA

## **AO NORTE**

Carlos Eduardo Viana, Daniel Maciel, Rui Ramos

## **CEMRI - MEDIA E MEDIAÇÕES CULTURAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA**

José da Silva Ribeiro, Casimiro Pinto

## **ESE - IPVC**

Anabela Moura, Carlos Almeida

## **COORDENAÇÃO GERAL**

José da Silva Ribeiro, Carlos Eduardo Viana, Daniel Maciel

# ORGANIZAÇÃO

Associação AO NORTE, CEMRI – Media e Mediações Culturais da Universidade Aberta e Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

A Conferência Internacional de Cinema de Viana teve lugar na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, nos dias 7 e 8 de maio de 2015, e ocorreu no âmbito dos XV Encontros de Cinema de Viana.



# APRESENTAÇÃO

## CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA DE VIANA DE CASTELO

A parceria entre Centros de Investigação, Universidades e organizações locais constituem-se excelentes formas de extensão universitária e de desenvolvimento de programas de cooperação. No entanto, a redução de financiamentos, pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, dos Centros de Investigação limitou neste ano de 2015 a participação de muitos inicialmente inscritos no programa da conferência. Assim a participação na conferência decorreu a custos exclusivos dos participantes. O Centro de Estudos das Relações Interculturais, através do Grupo de Investigação Media e Mediações Culturais em colaboração com a Ao Norte - Associação de Produção e Animação Audiovisual asseguram mais uma vez a publicação dos textos considerados relevantes e entregues segundo as normas de publicação. Na presente edição destacamos as comunicações apresentadas no âmbito da relação entre Filosofia e Cinema, que deu origem a programas de extensão na Pontifícia Universidade de São Paulo criados por Maria Constança Peres Pissarra e Bárbara Rodrigues Barbosa em colaboração com José da Silva Ribeiro. Também a temática de Cinema e Género veio para a edição desta publicação através da abordagem do cinema de Fatih Akin da autoria de Nadia Mazzariol da Universidade de São Paulo. A relação cinema e literatura foi este ano mantida pela recente doutora Maria Celeste Cantante que tem mantido a assiduidade nesta conferência de cinema. A abordagem de Psycho de Alfred Hitchcock por Rafael Gonçalo Pimentel Gomes Filipe da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. O Cinema e Escola sempre tem merecido uma particular importância nesta Conferência de Cinema. Claudete Moreno Ghirdelo do Instituto de Tecnologia Aeronáutica apresenta uma instigante experiência pedagógica de trabalho utilizando filmes Cult com jovens das áreas tecnológicas habituados a filmes comerciais explorando quer a análise de discurso quer a psicanálise lacaniana. Finalmente a Rosa Sequeira aborda uma temática particularmente relevante numa Europa de refugiados e emigrantes, fantasmas que regressam à Europa, e um coletivo de 3 autores Fouad Nejmeddine, José António Moreira e Pedro Branco que abordam questões mais instrumentais de utilização do audiovisual no ensino ou no dizer dos autores a criação de “um modelo pedagógico para desconstrução de vídeos (MPDV), no sentido de promover o seu uso eficiente em plataformas digitais”.

A Conferência de Cinema de Viana do Castelo teve muitas outras participações que contribuíram para uma reflexão sobre o cinema como arte, ciência, tecnologia, cultura mas também os contextos sociais, económicos e políticos em que o cinema continuamente se reinventa e que desde a sua invenção foi fruto de uma sociedade que ele reproduz e reinventa. Também o cinema foi à escola em múltiplas perspetivas.

As comunicações aqui apresentadas foram revista e apreciadas por um conjunto de especialistas que contribuíram assim para a presente publicação. Casimiro Pinto do CEMRI – Media e Mediações Culturais da Universidade Aberta, Luiza Pereira Monteiro da Universidade Estadual de Goiás, Thelma Panerai Alves da Universidade Federal de Pernambuco e Fernanda Carlos Borges do SENAC todos em processo de pós-doutoramento em Portugal. Agradecemos aos autores, aos revisores e ao editor a colaboração nesta publicação. Esperamos que publicação contribua para que a conferência se solidifique e contribua para um diálogo profícuo entre investigadores e o público leitor que se expressam na mesma língua sobre a cultura cinematográfica.

José da Silva Ribeiro  
Porto, 05 de fevereiro de 2016

## CONTEÚDOS

ROUSSEAU VAI AO CINEMA .....	9
<i>MARIA CONSTANÇA PERES PISSARRA</i>	
<i>JOSÉ DA SILVA RIBEIRO</i>	
O IDEÁRIO ROUSSEAUNIANO PELA ÓTICA CINEMATOGRAFICA .....	18
<i>BARBARA RODRIGUES BARBOSA</i>	
APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO NO CINEMA DE FATI H AKIN.....	24
<i>NADIA DE M. B. MAZZARIOL</i>	
IDENTIDADE INDIVIDUAL E INDIVIDUAÇÃO NA FAMÍLIA – O DESTAQUE DO PROTAGONISTA NA OBRA LITERÁRIA E CINEMATOGRAFICA .....	33
<i>MARIA CELESTE HENRIQUES DE CARVALHO DE ALMEIDA CANTANTE</i>	
UMA INTERPRETAÇÃO DE PSYCHO DE ALFRED HITCHCOCK COM BASE NUMA GRELHA DE CONCEITOS DE JULIAN JAYNES (COM REFERÊNCIA A OUTRAS GRELHAS JÁ CONHECIDAS).....	39
<i>RAFAEL GOMES FILIPE</i>	
A INTERPRETAÇÃO DE FILMES CULT POR JOVENS HABITUADOS A FILMES COMERCIAIS .....	51
<i>CLAUDETE MORENO GHIRALDELO</i>	
LITERATURA E CINEMA. O INTERESSE EDUCATIVO DAS PRODUÇÕES PÓS HOLOCAUSTO .....	59
<i>ROSA MARIA SEQUEIRA</i>	
A INTERGRAÇÃO DO FILME EM PLATAFORMAS DIGITIAS: UM MODELO PEDAGÓGICO PARA A SUA DESTRUTURAÇÃO .....	66
<i>FOUAD NEJMEDDINE</i>	
<i>J. ANTÓNIO MOREIRA</i>	
<i>PEDRO BRANCO</i>	

ROSA MARIA SEQUEIRA

É atualmente coordenadora científica do CEMRI – Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais e professora da Universidade Aberta no Departamento Humanidades. Doutorada em Teoria da Literatura, leciona, entre outras disciplinas, A Leitura na Adolescência e na Juventude da Licenciatura em Educação da Universidade Aberta. Tem-se consagrado, no ensino e na investigação, ao estudo da Comunicação Intercultural, dos Estudos Comparados e da Didática da Literatura.

## RESUMO

O Holocausto teve uma influência determinante na arte e na cultura, verificando-se também essa influência de modo muito particular na literatura para jovens. Os romances publicados pós Holocausto na década de 1950, *The Lord of the Flies*, *The Catcher in the Rye* e *A Separate Peace* mostram uma cisão na história da literatura Juvenil. Este artigo analisa estas três obras e a filmografia correspondente da perspectiva do seu valor educativo e das atividades que melhor podem desenvolver o espírito crítico nos jovens.

**PALAVRAS CHAVE:** Literatura Juvenil – Consciência crítica – Escola - Literatura e cinema

## ABSTRACT

The datable uniqueness of the Holocaust was visible in art and culture in general and also in Young Adult Literature. The novels that have been made in the decade of 1950, after the Holocaust, *The Lord of the Flies*, *The Catcher in the Rye* and *A Separate Peace* create a stigmatic history in Young Adult Literature. This paper analyses this three novels and correspondent films from the perspective of its increasing value in enhancing critical reading and critical film viewing in young audiences.

**KEYWORDS:** Young Adult Literature - Critical awareness – School - Literature and cinema

## 1. O ANTES E O DEPOIS DO HOLOCAUSTO NA LITERATURA JUVENIL

Diz Geoffrey Hartman (1997) que o Holocausto foi um acontecimento a tal ponto influente na arte e na cultura que se justifica demarcarmos um período antes e depois. Isto é notório quando pensamos na literatura para jovens que, sendo um género polémico na opinião de alguns, tem hoje uma existência muito visível no mercado editorial de qualquer sociedade<sup>1</sup>.

Antes do Holocausto, poderemos apontar como exemplo paradigmático dirigido a este público, o *best seller* de Robert Louis Stevenson, *A Ilha do Tesouro* (1883), na linha de uma das primeiras obras de literatura juvenil, *The Coral Island* (1858) de R.M. Ballantyne. Romances de aventuras, tratam temas como a passagem para a idade adulta, a perda da inocência e as situações assustadoras que resultam num melhor autoconhecimento e que são pretexto para atos de bravura e de astúcia. São obras típicas do género que revelam a função de harmonização social a partir dos valores próprios da época e evidenciam uma certa idealização e didatismo moralizador que tem em vista a aquisição de modelos a alcançar pelos jovens. A obra de Ballantyne aponta muito claramente para a importância das hierarquias e, apesar de ser depois acusada de transmitir uma visão imperialista e até racista do mundo, a sua influência ainda hoje não deixa de ser visível na produção mediática de consumo. A adaptação em 2000 para uma série de televisão sob a direção de John Gorrie demonstra este fenómeno.

Ora a partir do Holocausto, especialmente nos anos pós guerra durante a década de 1950, surgiram três romances que recusam qualquer idealização e sentimentalismo e esta característica haveria de marcar a literatura para jovens que se escreveu a partir daí. São eles *The Catcher in the Rye* (1951) de J.D. Salinger, *The Lord of the Flies* (1954) de William Golding e *A Separate Peace* (1959) de John Knowles.

Todos eles estão ancorados no relato realista, uma das duas maiores linhas da literatura para jovens,

<sup>1</sup> A ausência de critérios diferentes para distinguir a literatura juvenil da literatura em geral é um dos argumentos frequentemente utilizados. A especificidade estaria no destinatário e não na obra em si. Para esta problemática ver Garcia Padrino (2001).

sendo a outra o relato fantasista. Na vertente realista, as personagens são comuns, os elementos culturais facilmente reconhecíveis pelo leitor e o enredo é simples, centrando-se na vida social, familiar e escolar do jovem. Para além disso, pode ser a vida psíquica do personagem a mover a trama, e isso é particularmente evidente em *The Catcher in the Rye* e *A Separate Peace*. Nestes dois casos são explorados os problemas psíquicos como os medos, a inveja, o ressentimento, a angústia, a solidão, a rebelião e a alienação. Em suma, são evidenciados os problemas mais pessoais e existenciais, a par das situações difíceis que nem sempre são resolvidas, como por exemplo, a consciência da inferioridade moral, um *leit motiv* deste último romance.

São estes sentimentos que podem conduzir, no extremo, à ocorrência de crimes, caso particularmente evidente em *The Lord of the Flies*. Por seu turno, *The Catcher in the Rye*, na sua provocação inconformista perante as regras sociais, introduz determinados assuntos que haveriam de fazer parte das tendências da literatura juvenil posterior: a sexualidade; o interesse pelo autoexame pessoal em que o jovem elabora as suas próprias opiniões, recusando as pressões dos outros; a alienação ou, por contraste, a preocupação com a realização individual, em que as personagens buscam satisfazer os seus desejos, necessidades e expectativas; as inquietações físicas e afetivas, além das relações familiares; e, por fim, a tomada de posição em relação ao mundo. Holden, o anti-herói protagonista de *The Catcher in the Rye* que se tornou um ícone da rebelião adolescente, está inconformado com as falsidades e hipocrisias mundanas. Já mais recentemente é visível a preocupação com a ecologia, o pacifismo e outras questões de índole social.

O caráter provocador de *The Catcher in the Rye* não consiste apenas na alienação e inconformismo que Holden manifesta, mas também na linguagem até à data inusitada na literatura infantojuvenil. Um dos seus traços estilísticos identificadores é o predomínio do registo coloquial e do diálogo muitas vezes esticomítico, constituído por frases curtas, contudo inúteis, e não justificadas por uma intencionalidade contextual narrativa. O efeito pretendido seria dar a impressão do real. Este efeito é antes conseguido no romance de Salinger pelo uso do calão juvenil e baixo calão. Ora isso acabou por constituir outro traço característico da literatura posterior destinada à faixa etária adolescente, embora à época tivesse contribuído para a censura da obra nos Estados Unidos e em outros países<sup>2</sup>.

Este romance e *A Separate Peace* possuem um caráter intimista em que a narração na primeira pessoa dá conta dos pensamentos e sentimentos do jovem, o que facilita a identificação do leitor da mesma idade. Já o tom negro e visão pessimista da natureza humana é outro dos traços comuns de *A Separate Peace* e de *The Lord of the Flies*, que acentuam respetivamente os temas da inveja e da violência. Este último convoca ainda outros temas que propiciam a exploração em classe e que são relevantes para a educação e formação dos jovens, tais como a utopia, a análise de conflitos e cooperação, ordem e anarquia, paz e pretextos para a guerra, liderança e personalidade, bullying e valores.

Em *The Catcher in the Rye*, Holden é um rapaz de 17 anos, filho de boas famílias, que está zangado com tudo e todos e se sente inadaptado em relação ao mundo e aos vários colégios de onde é sucessivamente expulso. A narrativa na primeira pessoa coincide com o momento em que foge do último colégio e, com dinheiro no bolso, deambula por Nova York em total liberdade. No meio dos excessos que pratica, ressalta a evidência de que Holden é sensível e genuíno.

*The Lord of the Flies* convoca também esta ânsia de liberdade sem a supervisão de adultos que é materializada na ilha deserta, na linha da fantasia tradicional também presente nos romances de Ballantyne e Stevenson e retomada no filme *Sozinho em casa*. No romance de Golding, um grupo de rapazes em idade escolar vai para a uma ilha deserta e tem de se organizar e viver segundo as suas próprias regras. Eles precisam de arranjar comida e manter a fogueira acesa para ser vista do mar e poderem ser salvos por algum navio que passe por ali. Criam um sistema de classes hierárquico, constituem um grupo de caçadores e outro de vigilantes. São feitas escolhas e emergem dilemas morais. Mas, contrariamente à ficção tradicional, um processo de selvajaria emerge por entre a tentativa de organização e civilização, e tem lugar uma luta de poder que leva à morte de dois rapazes. A terceira morte estaria iminente, se

<sup>2</sup> Para a história da censura nos Estados Unidos relativa a este livro que chega aos anos 1980 de modo mais acérrimo e parece ainda não ter terminado, ver, por exemplo, GradeSaver (2015).

um adulto não chegasse à ilha entretanto.

Já *A Separate Peace* (*Uma ilha de paz* no título português) lida com a amizade que surge misturada com a rivalidade e sentimentos inconfessáveis, numa escola que, durante a segunda guerra mundial, deveria, em vez disso, ser um retiro pacífico e preservado. Esta rivalidade misturada com alguma consciência da inferioridade moral corrói a relação entre os rapazes.

Estes três romances tiveram adaptações cinematográficas.

## 2. AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

Em 2002, surge nos EUA o filme de Burr Steers, *Igby Goes Down*, a partir de *The Catcher in the Rye*, já depois da morte do autor que nunca cedeu os direitos para o cinema com a justificação de que o romance seria demasiado literário. Os dilemas mentais que ocorrem intimamente, um forte interesse para Salinger, seriam, na sua perspectiva, incompatíveis com a arte cinematográfica<sup>3</sup>. A adaptação do conto *Uncle Wiggily in Connecticut* para *My My Foolish Heart*, sob a direção de Mark Robson e que contou com os argumentistas de Casablanca, Julius Epstein e Philip Epstein, não terá agradado a Salinger que, em *The Catcher in the Rye*, por várias ocasiões declara o seu ódio ao cinema através do protagonista que começa por dizer a propósito do irmão: "Agora está em Hollywood, o D.B., a prostitui-se. Se há uma coisa que odeio é o cinema. Nem quero que me falem nisso." (Salinger 2014: 10). Existem várias referências, ao longo da obra, a este desagrado pelo cinema, pelos atores e por todo o pretensiosismo e fingimento que, eventualmente, poderá estar ligado à indústria cinematográfica.

No entanto, muitos realizadores durante a vida do autor se mostraram interessados em realizar o filme, entre os quais Billy Wilder, Elia Kazan e Steven Spielberg, tendo havido ao longo dos tempos outros tantos autores famosos interessados no papel do protagonista tais como Jerry Lewis, Marlon Brando, Jack Nicholson e Leonardo di Caprio.



Figura 1. Cartaz do filme de Burr Steers

Já *The Lord of the Flies* teve uma adaptação em 1963 por Peter Brook. Trata-se de um filme de grande qualidade, próximo da obra literária e fiel à caracterização das personagens. Mas, sendo a preto e branco, poderá não ser tão apelativo quanto o filme de Harry Hook, realizado nos EUA em 1990, que possui uma linguagem cinematográfica mais próxima do público atual.

<sup>3</sup> Ver Itzkoff (2010) e Truby (s/d) que, a propósito da adaptação do conto de Salinger para o filme de Robson, acentuam as diferentes estratégias ligadas a diferentes formas artísticas mas também a certas expectativas ou exigências do público espetador.



Figura 2. Cartazes do filme de Peter Brook e Harry Hook.

A *separate peace* foi realizado em 1972 por Larry Peerce e depois ainda teve uma versão para televisão em 2004 por Peter Yates.

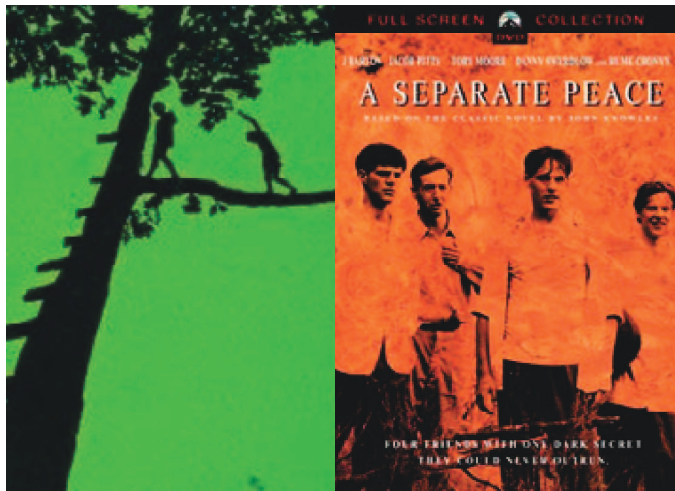


Figura 3: Cartazes do filme de Larry Peerce e de Peter Yates

### 3. A EXPLORAÇÃO NA AULA

Havendo adaptações cinematográficas das obras, o trabalho com os romances em conjugação com os filmes é inevitável e até desejável. E inevitavelmente também surge a questão metodológica da precedência de uma forma artística em relação a outra no trabalho letivo. Ler a obra primeiro e visualizar depois o filme poderá ter alguns perigos e conduzir a análises pouco produtivas. Por exemplo, se os alunos têm de verificar que cenas foram cortadas ou explicar porque foram feitas certas transformações, as respostas mais frequentes são que não resulta em filme e que não havia tempo. Melhores alternativas são as sugeridas por Arver (2007), Maldonado e Winick (2012) ou Golden (2007). Este último autor propõe a escolha pelos alunos de passagens do livro que, à partida, consideram não filmáveis e depois o confronto com o filme. Perguntar aos alunos como é que podem sentir diferentemente por causa das mudanças feitas ou em que ambientes são envolvidos são atividades que podem resultar melhor, pois a análise da linguagem cinematográfica pode ser contemplada de várias formas, por exemplo, verificando o uso da luz na criação desse ambiente. Estas abordagens têm a virtualidade de estarem centradas no aluno espectador em vez de procurarem identificar traços objetivos das obras sem envolver a sua reflexão. Todas elas são bons exemplos da forma de superar o esquema sujeito-objeto pelo qual a obra (literária ou fílmica) tende a ser mantida à distância do intérprete, como sendo apenas um objeto de análise. O estudo de aspetos relevantes dos filmes desde a contextualização, a narratologia, a cine-

mática até à dramaturgia podem ser perspetivados deste modo, como já demonstrei noutra ocasião (Sequeira 2010: 121). Tal como a literatura, os filmes estimulam os sentidos e envolvem as emoções, propiciando o confronto de valores pessoais perante todos os outros. Daí ser adequada uma abordagem pessoal que não impede uma análise dos elementos que envolvem a obra cinematográfica: Posso distinguir este filme de outros do mesmo realizador? Consigo reconhecer o seu estilo? (contextualização); que questões são ambíguas para mim? Contaria a história de outro ponto de vista? (narratologia); que cenas considero mais importantes? A utilização do som e da música deixa espaço à minha imaginação ou é manipulativo? (cinemática); houve alguma coisa que me distraiu ou incomodou na atuação, cenários ou guarda-roupa? Considero que o guarda-roupa e caracterização são relevantes para o sucesso do filme? (dramaturgia).

É conveniente respeitar aquilo que a obra tem de genuíno e o seu modo específico de produção e mediação. Outras atividades seriam mais adequadas para tratar o romance. Por exemplo, a análise da evolução das personagens e os símbolos de liderança ou de modos de lidar com o desencanto, o medo e a inveja poderá ser levada a cabo através de tarefas que manifestem uma apropriação pessoal desses temas. Por exemplo, colocar o jovem leitor a escrever cartas a personagens que lhe causaram particular impressão, de modo que ele seja capaz de formalizar o que percebe do seu comportamento, das suas motivações e intenções e, no final, propor alternativas através de recomendações. Também neste caso é possível fazer uma leitura próxima dos textos abordando questões como a anarquia, as normas e as regras. Em *The Lord of the Flies*, vemos que, por um lado, Jack rejeita a ordem criada por regras e aproveita o conflito para proveito próprio. Por outro, Ralph ajuda a criar as regras e a sua rejeição do conflito mostra como diferentes estilos de liderança podem ter importantes implicações para o estabelecimento da ordem nos sistemas políticos.

Outras sugestões para podem ser encontradas no Fórum *Lessons from literature*. Por seu turno, Valeriano (2013) propõe alguns pontos para debate ainda a propósito da adaptação fílmica deste romance que são um modo de introduzir o jovem na educação política: O que faz um indivíduo poderoso? São os indivíduos que controlam os grupos ou são os grupos a controlar os indivíduos? Como é que a sociedade mantém a ordem? São as leis necessárias? Como é que o desejo de aceitação influencia o comportamento humano? A violência origina poder ou controlo?

#### **4. O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

Estas questões não só estão ligadas especificamente à educação política como também, de modo mais abrangente, à educação cívica, como verificamos pelos objetivos do programa da UNESCO para a cidadania global (2014-2017). Entre os objetivos do programa constam a capacidade de desenvolver: a empatia e o cuidado com os outros e capacidades para viver na diversidade; valores de justiça social e capacidades para analisar criticamente desigualdades baseadas no género, idade, nível socioeconómico, opção religiosa, cultural, etc.; reconhecer e avaliar crenças e valores e o modo como influenciam decisões políticas e sociais e perceções sobre justiça social e empenhamento cívico; capacidades para a literacia cívica, informacional, mediática, resolução de problemas, negociação, construção da paz e responsabilidade pessoal e social (UNESCO 2015:16).

No seu conjunto, estas três obras são propícias ao debate, possibilitando a identificação do jovem leitor ou espetador e ajudam-no a lidar com os medos. Quando um aluno tem de escolher e justificar, não a cena mais relevante da obra – o que pertenceria ao domínio do saber prévio numa dada área de conhecimento – mas a cena mais relevante para ele, é mais implicado no exercício e mais eficaz em termos de motivação. Como referi noutra parte, “se se construir um modelo de leitura a partir do texto, a leitura é encarada meramente como uma resposta ou ajuste a um estímulo externo e esconde a atividade criativa do leitor” (Sequeira 2003: 303). Por conseguinte, incidir a atenção na interação dos jovens com os filmes e os textos é melhor do que analisar o filme ou o romance, pois a estratégia de propiciar uma resposta pessoal que possa estimular a criatividade e ajudar a atribuir um valor à obra é mais conciliável com o exercício da crítica que deve ser o objetivo de todo o ato educativo.

A literacia funcional, crítica e retórica que envolve não apenas a leitura estética mas também outras competências que possam ser transferíveis para outras situações tais como a tolerância face à ambi-

guidade, o saber participar na dinâmica de grupos ou a discussão de ideias e pontos de vista opostos, pode aliar-se a uma multiliteracia que é importante para a globalização e as relações internacionais quando o jovem se torna não apenas receptor mas produtor de conteúdos. Neste sentido, são adequadas as técnicas ativas, a aprendizagem por tarefas com estratégias de comunicação genuína, nas quais os textos são colocados em socialização alargada (locais exteriores à escola, fóruns em rede, jogos, comunidades virtuais). A capacidade de usar e produzir tecnologia é fundamental neste contexto mas, sobretudo, é importante desenvolver a capacidade de a questionar.

Estes três romances rejeitam qualquer idealização e não propõem modelos de conduta mas a sua capacidade educativa é inegável, sobretudo se forem explorados de um modo adequado.

Em 1989, Richard Rorty, quando enuncia as 11 teses sobre os intelectuais humanistas, nos quais deposita as suas esperanças, mencionou como uma meta a atingir pelos educadores a tarefa de provocar os jovens, suscitando neles dúvidas sobre a imagem que têm de si mesmos e da sociedade em que vivem (cf. tese 2). Esta tarefa, que identifica como a função social do educador por excelência, não é apenas desejável como também exequível através de estratégias que propiciem uma resposta pessoal, reconciliando o conhecimento tradicional com a tecnologia moderna, estimulando a criatividade e ajudando a atribuir um valor a textos e filmes. A compreensão individual é assim transformada em conhecimento intersubjetivo pela atividade da avaliação que sistematiza as propriedades da arte e ao mesmo tempo mostra as suas qualidades e significações na interação social. "L'objectif de la critique (...) n'est pas de prêcher les convertis, mais d'ouvrir de nouveaux horizons" (NØjgaard 1993:157). Esta perspetiva não se distingue da tese 1, formulada por Rorty:

"We should not try to define "the humanities" by asking what the humanities departments share which distinguishes them from the rest of the university. The interesting dividing line is, instead, one that cuts across departments and disciplinary matrices. It divides people busy conforming to well-understood criteria for making contributions to knowledge from people trying to expand their own moral imaginations. These latter people read books in order to enlarge their sense of what is possible and important—either for themselves as individuals or for their society. Call these people the "humanistic intellectuals."  
(Rorty [1989]: 1)

O ensino da arte pode ajudar a que "the moral consciousness of each new generation is slightly different from that of the previous generation" (tese 3). Neste sentido (tese 10), afirma Rorty, é necessário que o professor trabalhe com os alunos os livros e filmes que o moveram e mudaram a sua vida. Esse é um horizonte aberto à possibilidade de fazer da sociedade humana um lugar mais acolhedor para toda a humanidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ARVER, Cara**, 2007, "Are you willing to have your students join Ralph, Jack and Piggy?", *The English Journal*, 97, 1, pp. 37-42.
- GOLDEN, John**, 2007, "Literature into film (and back again): another look at an Old Dog", *The English Journal*, 97, 1, pp. 24-30.
- MALDONADO, Nancy e Mariann WINICK**, 2012, "Building Character: Weighing the Differences between Right and Wrong", *Childwood Education*, 7, 82 (1), pp. 62-64.
- KNOWLES, John**, 1959, *A Separate Peace*, London: Secker e Warburg.
- SALINGER, J. D.**, 1948, "Uncle Wiggily in Connecticut", *The New Yorker*, 20 de Março, pp. 30-36.
- SALINGER, J. D.**, 1951, *The Catcher in the Rye*, Boston: Little Brown.
- SEQUEIRA, Rosa Maria**, 2010, *Comunicar bem: práticas e estruturas comunicativas*, Lisboa: Fonte da Palavra.
- SEQUEIRA, Rosa Maria**, 2003, *O poder e o desejo. O ensino da literatura a estrangeiros na universidade*, Lisboa: Ministério da Educação.

## FILMOGRAFIA

- A separate peace**, 1972. Filme. Dir: Larry Pearce, EUA: Wildwood Productions.

**Igby goes down**, 2002. Filme. Dir: Burr Steers, Alemanha e EUA: Atlantic Streamline Film Productions.

**Lord of the flies**, 1963. Filme. Dir: Peter Brook, UK: Lewis Allen.

**My foolish heart**, 1949. Filme. Dir: Mark Robson, EUA: Samuel Godwyn Productions.

**The coral island**, 2000. Série televisiva. Dir: John Gorrie, UK: Zenith North Ltd.

**Hook, Harry** (dir.), 1990, Lord of the flies, EUA: Castle Rock Entertainment.

## WEBGRAFIA

**BALLANTYNE, R.M.**, 2007 [1858], *The Coral Island*, EBook Projeto Gutenberg in: <http://www.gutenberg.org/files/646/646-h/646-h.htm> (acesso em: 2 de novembro 2015)

**ITZKOFF, Dave**, 2010, Why J. D. Salinger never wanted a 'Catcher in the Rye' Movie, [http://artsbeat.blogs.nytimes.com/2010/01/29/why-j-d-salinger-never-wanted-a-catcher-in-the-rye-movie/?\\_r=0](http://artsbeat.blogs.nytimes.com/2010/01/29/why-j-d-salinger-never-wanted-a-catcher-in-the-rye-movie/?_r=0) (acesso em: 2 de novembro 2015)

**GARCIA PADRINO, Jaime**, 2001, "Vuelve la polémica: ¿existe la Literatura... Juvenil?" *Quatrogatos*, 8, pp.1-10, in: <http://www.cuatrogatos.org/show.php?item=216> (acesso em: 4 de novembro 2015)

**GOLDING, William**, 1954, *The Lord of the Flies*, in: <http://www.yoanaj.co.il/uploadImages/UserFiles/352.pdf> (acesso em: 2 de novembro 2015)

**GRADESAVER**, 2015, "*The Catcher in the Rye*: a History of Censorship", in: <http://www.gradesaver.com/the-catcher-in-the-rye/study-guide/catcher-in-the-rye-a-history-of-censorship> (acesso em: 12 de novembro 2015)

**LESSONSFROMLITERATURE** – Family Violence Prevention Fund in: [http://www.lessonsfromliterature.org/docs/manual/Lord\\_of\\_the\\_Flies.pdf](http://www.lessonsfromliterature.org/docs/manual/Lord_of_the_Flies.pdf) (acesso em: 4 de novembro 2015)

**RORTY, Richard** [1989], "The humanistic intellectual: eleven theses", *Philosophy and social hope*, <https://archives.acls.org/op/op10rorty.htm> (acesso em: 22 de novembro 2015)

**STEVENSON, Robert L.**, 2014, [1883], *The Treasure Island*, EBook Projeto Gutenberg, in: <https://www.gutenberg.org/files/120/120-h/120-h.htm> (acesso em: 23 de outubro 2015)

**TRUBY, John**, 1982-2015, "Who killed Salinger Movies?"; *Writers Sore*, in: <http://www.writersstore.com/who-killed-salinger-movies/> (acesso em: 4 de novembro 2015)

**UNESCO, 2015, Global Citizenship Education**. Topics and learning objectives, in: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002329/232993e.pdf> (acesso em: 29 de outubro 2015)

**VALERIANO, Brandon**, 2013, "Teaching international politics with film", *Journal of Political Science Education*, 9(1), pp. 52-72. (acesso em: 7 de dezembro 2015)